

Símbolos marginais na obra de Carlos Sena

Armando Coelho
mestrando em Cultura Visual / FAV / UFG
Dra. Maria Elízia Borges (orientadora)
ANPAP / FAV / UFG

Resumo:

Este artigo visa evidenciar uma fase da produção do artista plástico Carlos Sena, datada de meados da década de oitenta. A escolha destas pinturas se dá pela manifestação unânime do auto-retrato idealizado, assim como pelas citações alegóricas suscitadas pela influência da simbologia marginal. Este trabalho propõe reconhecer aspectos da arte outsider nas escolhas simbólicas e no processo criativo do artista passando pela dualidade presente na obra que contrapõe a beleza extraída da ordem do precário com a sensibilidade de uma técnica clássica de produção. Este enfoque enfatiza a obra como uma protagonista de um conflito sócio-cultural.

Palavras Chave: arte contemporânea, arte outsider; art brut, estética camp, Carlos Sena.

Abstract:

This article wants to put into a visual analysis a special time of the art production of the artist Carlos Sena. This choice of the art works from this time has become for the singularity of the idealized self-portrait from the artist, as well because the outsider's symbology appearance in all of the art work of this period. The propose of this research is recognize aspects of the outsider symbols inside of the creative process and going thru possible duality presents in the art works that counterpoises an beauty extract from the order of the precarious front of a work skills sensibility from the classic manufacture. This focus put into a highlight a special subject from the art work as a social-cultural protagonist.

Key words: contemporary art, outsider art, art brut, camp, Carlos Sena.

Podem-se contar, ao menos, uns vinte anos a primeira vez que me deparei com as pinturas de Carlos Sena. Figuras disformes de cabeças ovaladas, corpos esqueléticos que brilhavam sob purpurinas, suor e choro tímido. Todo o jogo de sedução em olhares lânguidos e melancólicos.

Os personagens das pinturas oitentistas de Sena possuem essa qualidade singular de sofrer em silêncio. Nunca reclamam, só olham pra você. Todos eles, os personagens, sofrem em silêncio. Mas será que sofrem mesmo? Olham sem piedade para nós como quem está sendo vítima de uma atrocidade e a espera de socorro. A noiva, já há muito violada, com seu vestido vermelho. A prostituta. A dançarina cuja lágrima salta a tela parece um ser ao sereno alimentando de multiculturalismo. A composição clássica travestida de arquétipos. Símbolos extraídos de sua vida e de suas paixões. Elementos que compõem as cenas fantásticas do imaginário do artista parecem sair de um baú escondido em uma boate “barra pesada” de um bairro idem.

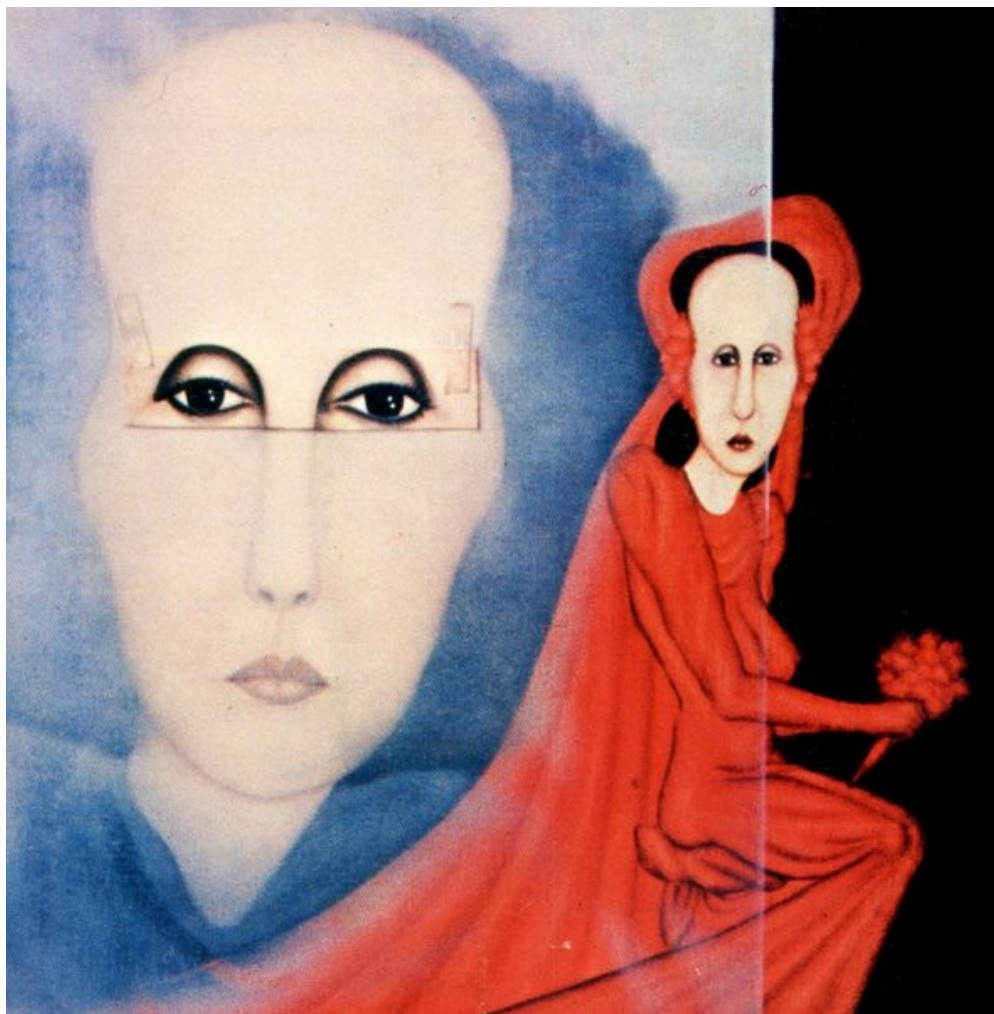
Os marginais de Sena transveste seu espetáculo congelado com tudo que é rejeitado, expurgado e hipocritamente invisível pela sociedade. O conceito underground - “underground, subterrâneo, em inglês, é uma expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia. Muito conhecido como Movimento Underground ou Cena Underground” (Wikipédia) - assim como o outsider, o marginal português que se põe à margem ou que é forçado a estar à margem, vai ser utilizado no decorrer do texto para esmiuçar e reconhecer socialmente os simbolismos encontrados nas obras de Sena. É com imenso sentido de continuidade que vemos a obra do artista se tornando, no decorrer de sua carreira, cada vez mais ligada a estes movimentos de transgressão.

Mesmo em sua fase mais clássica em que o artista se desdobrava em pinceladas contínuas e veladuras renascentistas e suas obras eram adoradas por críticos e colecionadores, sua postura diante o fazer artístico e a relação com o espectador sempre foram ditadas pela busca do enfrentamento, da contradição e da ironia com todos os cânones burgueses. Em entrevista concedida em março de 2008 para a realização desta pesquisa, Carlos Sena dá o seguinte depoimento:

“(...) quando eu me posiciono como um outsider dos anos oitenta, não é por estar inserindo em um movimento underground, mas é por estar à margem daquilo que estava se socializando nos anos oitenta. (...) As duas grandes tendências do período eram a transvanguarda italiana e o neo-expressionismo. (...) a bola da vez no mundo todo, inclusive no Brasil, inclusive em Goiás. (...) Essas questões foram digeridas e adaptadas aqui, todo mundo que queria dizer estar na crista da onda navegava nestas duas tendências. No meu caso nunca quis estar afinado com tendência alguma por que minha questão era muito particular. Por isso que eu falo que eu era um artista à margem, outsider, porque me interessava pintar como um mestre clássico. Eu fazia uma pintura que era uma das mais clássicas possíveis, veladura renascentista, trinta, quarenta camadas de tinta sobreposta e no final tinha que ficar muito lisa e muito perfeita, o perfeccionismo era umas das questões que eu perseguia, então eu não era exatamente afinado com as tendências.” (SENA, entrevista, 2008)

O primeiro encontro com a pintura do artista não se explica pelo código banal de uma simples surpresa ou por uma possível estranheza. É muito mais que isso. A relação com a obra é metafísica. Sem correr o risco de divagar por

caminhos tortuosos, o encontro com as imagens tão bem trabalhadas e carnis da pintura supera o primeiro contato com a extravagância cênica de Federico Fellini (influência confessada pelo artista). Supera, pois a pintura é a obra, é o ser, é o alter ego do próprio artista existindo como só a bela arte pode oferecer. É o ser próprio em presente sentido, logo a sua frente, seco e lânguido. E, como sempre, é bom ter cautela em universos bizarros. Por que não perigosos?



UMA FANTASIA, 1984. Fonte: catalogo da exposição "Uma peça em três atos"

Com a desconfiança aflorada pelos jogos de relações entre o ser representado e sua mente criadora, o olhar doce e lânguido pode ser confundido com um charme barato da dançarina de cabaré, ou um truque velho usado pelas garçonetes por uma boa gorjeta.

Mas estaria Sena utilizando de artimanhas renascentistas para esconder uma possível análise fisionômica do olhar? Estaria escondendo uma personalidade extravagante sob um semblante poeticamente melancólico?

O artista não se intimida em expor suas indagações sobre o mundo mesmo nos pequenos detalhes de suas obras. O ato de subjugar; muito exercido por todos aqueles que preservam e conservam o poder através da promoção da ignorância referente ao outro, ao desconhecido e ao estranho; aparece em todos os trabalhos de Sena como um vetor primordial da construção da idéia e de exploração do assunto de suas obras. Desde suas pinturas da década de oitenta as quais venho me referindo no decorrer deste trabalho até suas obras atuais com objetos de refugio da mídia impressa, assim como suas instalações de garrafas abandonadas e bidimensionais de pulseiras do “Bom Fim”, todos te fazem entrar em glimpse vertiginal entre o que é e o que parece ser. Sua trajetória artística vem confirmar esse enlace conceitual quando observamos sua postura em relação ao circuito artístico assim como ao mercado. Em depoimento, o artista se debruça sobre suas memórias e relembra suas afrontas contra o consenso comum referente às suas obras e seu fazer artístico:

“(...) eu era o querido pelos colegas, pelos professores, pelo circuito que começa a me assimilar como promessa. Durante uma época eu viro o querido mesmo, uma figura bem quista e respeitada até, apesar de ser muito novo. Mas, quando eu resolvo fazer uma arte mais experimental, foi punk! As pessoas achavam que eu tinha pirado e que eu tinha enlouquecido. Me perguntavam o porquê de ter feito aquilo, me perguntavam se por acaso eu já tinha o nome firmado pra poder arriscar me inserir no mercado com qualquer coisa que eu tivesse em mente.” (Sena / entrevista, 2008)

O que muitos não se deram conta foi que Carlos Sena não estava jogando o jogo dos queridos e muito menos o jogo do mercado. Suas pinturas, observadas dentro de uma concepção contemporânea, possuem uma postura e ato performático, seja ele onírico ou gestual. Esse comportamento coloca o artista como um criador visionário em relação a seus contemporâneos. É possível reconhecer na obra do artista, tanto na fase pintura quanto em todo decorrer de

sua carreira, códigos extremamente atuais no que se refere ao fazer artístico contemporâneo.

“A atitude se tornando forma, a atitude tendo peso de importância no fazer tanto quanto a pintura, tanto quanto o objeto, a relação do sujeito com o objeto; o rompimento dos limites entre o artista e a obra, a atitude significativa do artista, a atitude como proposta de criação, o público se tornando ativo e se definindo pelas atitudes do artista. Aqui estão alguns códigos do fazer artístico contemporâneo”. (ESCOBAR/Aica, 2007)

É interessante notar que o posicionamento do artista Carlos Sena, em manter-se fiel à busca do perfeccionismo e o realismo fantástico como base de expressão de suas idéias, o desloca repentinamente para a atual circunstância da arte mundial que é voltada para a “compreensividade do real, a autonomia da forma desalojando as funções do objeto e os elementos estéticos formais”. (ESCOBAR/Aica, 2007).

Sena já tinha em mente a importância da experiência estética e sua relação com os jogos de sentido versus a significação do mundo. Ao assumir uma postura de esgarçamento dos cânones burgueses em uma plataforma clássica e temporal, Sena se depara com duas situações acontecendo ao mesmo tempo. A forma e o conceito disputando uma referência de importância. São dois momentos dialogando no mesmo tempo/espaço, o momento formal do ato do fazer artístico e da preocupação clássica com o perfeccionismo e o momento contendo realidades extra-artísticas, embrenhadas na simbologia de afronta social, do eu performático e do superego exposto. Como uma performance de guerrilha, fazendo a alta sociedade ruminar um mundo que prefere esquecer à margem.

A dualidade entre o espírito e a matéria presente sendo um combustível criacional na produção do artista fez de sua obra uma constante crítica a sociedade de consumo.



Anima ou Anima, 1984. Fonte: catalogo da exposição "Uma peça em três atos"

"Dubuffet deseja atrair a atenção do público para o mundo cotidiano. Categoricamente contra a arte '*cultivada*', a que se aprende nas escolas ou nos museus, ele ataca a sociedade burguesa de consumo e quer demonstrar que aquilo que o homem considera como feio pode esconder maravilhas infinitas. Segundo ele, a arte é feita apenas de embriaguez e loucura." (COLIN RHODES/2000:47)

Sobre a obra acima o artista diz em entrevista para esta pesquisa: "Anima e Anima", o título da obra, é um casal que acabou de transar, o primeiro está se olhando no espelho, o segundo está muito suado, o primeiro está descabelado. Anima com a idéia do jogo e da alma". (Sena / entrevista, 2008)

O mundo do cotidiano pessoal que o artista narra em suas obras se mistura em primeiro olhar a um mundo noturno ou algo do tipo “dançarinas de cabaré”. O reflexo do espelho do camarim denuncia o rompimento dos limites entre o artista e a obra. Carlos Sena, sem o menor pudor confronta as feridas da moral pequeno burguesa de seu tempo. O fato de se colocar como modelo personagem de suas próprias obras chamando atenção sobre sua vida pessoal; seus amores, seus desejos, seus amigos; é uma atitude que esboça seu universo mais particular, confundindo-se como signo de sua pintura. Em texto escrito pelo professor Saturnino Pesqueiro Ramon especialmente para o catálogo da famosa exposição de Sena de 1984, em que o artista mostra pela primeira vez em galeria suas pinturas que aqui estamos a discutir, em certo momento observa:

“Carlos, consciente ou inconscientemente, fez esta escolha de encontrar-se a si mesmo na obra artística. Esta individual é uma síntese do que foi até hoje sua produção artística: uma peça, um drama, uma autobiografia, o relato de se projetar e se encontrar com todas as dolorosas vicissitudes que pressupõe o destino humano, no seu titânico esforço de individuação, tentando integrar o lado irracional, desconhecido, sombrio... da personalidade. As telas de Carlos são como “espelhos mágicos” onde o artista enxerga e projeta o mais recôndito do seu ser. São como “lâmpadas de Aladim” que; ao esfregar dos pincéis desacordam seus fantasmas mais chocantes. Jung, empregando uma comparação do mundo artístico, nos dirá que uma personalidade sem integrar sua sombra, será uma personalidade sem volume e sem corpo.” (RAMON/ catálogo exposição do artista, 1984)

O artista, então, mostra e ao mesmo tempo se mostra, explodindo seus sentimentos nas obras e conseguindo através dessa atitude algo unicamente seu. A originalidade vem do lado mais radical de sua pesquisa artística que não se esconde atrás de tabus e preconceitos mas, ao contrário, sem o menor pudor, exhibe as feridas da moral burguesa de seu tempo expondo todo seu porão imagético de possibilidades sexuais e sensuais e, ao mesmo tempo, sendo protagonista de toda dicotomia entre a forma e o espírito.

Na pintura “Anima e Anima” a proposta de articulação entre estética e ética foge ao modelo difundido pelo padrão burguês, pois ela não é oferta generosa de

respostas, de catarse. Sua capacidade de reinvenção artística extrapola tal modelo, oferecendo-se como denúncia ao preconceito, expondo as feridas de nossa trama social, trazendo à tona as contradições da psicologia e o ataque costumes. Basta um olhar mais aguçado à pintura acima para percebermos a interface do multiculturalismo em sua obra. Ressaltar a união sexual entre o branco andrógino e o negro pode ser traduzido como uma união pela exclusão entre estes códigos estéticos, artísticos e éticos desses dois grupos. A pintura de Sena se organiza esteticamente pelo contraste da técnica e dos elementos simbólicos. O perfil de dois seres assexuados, dando a idéia do ponto de vista social, denuncia as escolhas de uma minoria que relega a diferença à marginalidade e ao gueto social. Mas a obra exclama que o estranho é multicultural e, portanto, é a verdade sócio-cultural de todo ocidente.

Referências:

ARAÚJO, Marco de; **Reflexões sobre a prática artística pós-moderna brasileira; in GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mãe.** (org.). O Pós-modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2005. P.261-278.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma Introdução.** trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESCOBAR, Ticio. **Congresso internacional de críticos de arte. Universidade de São Paulo - USP.** São Paulo, 02 out 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 20. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

PEASE GARCÍA, Henry. **La Izquierda y la Cultura de la Posmodernidad.** In: *Proyectos de Cambio: La Izquierda Democrática en América Latina.* Caracas, Editorial Nueva Sociedad, 1988.

RAMON, Saturnino Pesqueiro. **Catalogo Arte Antiga Galeria: exposição Carlos Sena.** Arte Antiga Galeria. Goiânia, 1984.

RHODES, Colin. **Outsider Art: Spontaneous Alternatives.** Thames & Hudson Ltd. Londres, 2000.

SENA, Carlos. **Entrevista.** Goiânia. 28 mar 2008.

Site: www.wikipédia.com acesso em 12 abr 2008

Currículo

Armando Coelho formou-se em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Trabalhando com pesquisa visual em teoria e poética, realizando exposições individuais e coletivas. Participou do grupo performático “João e Eu” no final da década de noventa e liderou o grupo de guerrilha estética “A Terceira Internacional” provocando o questionamento do espectador em relação as amarras da instituição e do poder capital sobre o cenário artístico. Criou e liderou o grupo estético musical “Os Gays” apresentando para mais de sete mil pessoas no Goiânia Arena onde o foco estava no comportamento e na estética. Trabalhou como crítico de arte pelo site cybergoias.com e escrevendo textos para o Museu de Arte Contemporânea de Goiás para catálogos de exposições de artistas locais. Também produziu a exposição de Fernando Carpaneda na Fundação Jaime Câmara e sempre lutou como artista e crítico pela dessacralização da arte institucional. Cursa o Mestrado em Cultura Visual da UFG.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.